

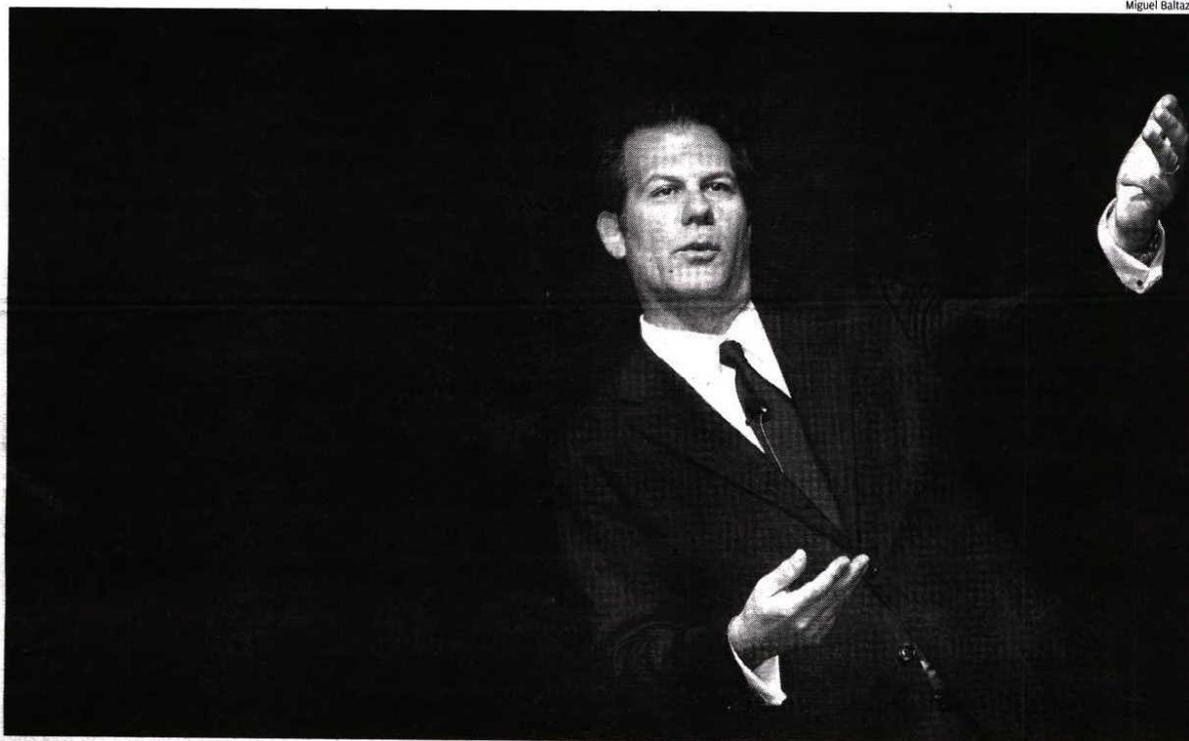
caderno de imprensa

Richard Florida

Conferência organizada pela CCDR-LVT e Ordem dos Economistas - 17 de Abril 2008

Revista de Imprensa  
18-04-2008

- 1 - Jornal de Negócios, 18-04-2008, "Portugal é formado por dois países: Portugal e Lisboa" 3
- 2 - Primeira Página.pt, 17-04-2008, "Guru" da economia criativa diz que Portugal tem sido travado por uma "mentalidade antiquada" 4
- 3 - RTP Online.pt, 17-04-2008, "Guru" da economia criativa diz que Portugal tem sido travado por uma "mentalidade antiquada" 5
- 4 - Sol.pt, 17-04-2008, 'Guru' da economia criativa diz que Portugal tem sido travado por «mentalidade antiquada» 7



Miguel Baltazar

Richard Florida | "O mundo não é plano. Está é cada vez mais pontiagudo. É uma concentração de mega-regiões."

## [ PERFIL ]

## ➔ Um ídolo de Sócrates

Richard Florida inspira Portugal

O primeiro-ministro, José Sócrates, costuma citá-lo, diz o jornalista Carlos Magno durante a conferência do ciclo "Desenvolvimento Regional em contexto de globalização", organizado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LTV) e Ordem dos Economistas. O orador visado é Richard Florida, um economista de 50 anos defensor da chamada economia da criatividade. A sua teoria é suportada por mapas, gráficos e números. O último livro deste investigador da Universidade de Toronto chama-se "Who's Your City?". Antes, publicou "The Rise of the Creative Class" e "The Flight of the Creative Class".

## INOVAÇÃO

# "Portugal é formado por dois países: Portugal e Lisboa"

Na era da criatividade, o sucesso depende da capacidade de reter bons profissionais

Lúcia Crespo | crespo@medjafin.pt

Uma Lisboa alargada até à Corunha, sempre junto ao mar, forma uma das 40 mega-regiões mundiais, e está entre as dez maiores e mais criativas da Europa. Por outro lado, Portugal aparece em último lugar do "ranking" europeu no índice de criatividade. O autor das teorias é o mesmo. Será o discurso contraditório? "Não", responde à cópias Richard Florida. "É que Portugal é formado por dois países: Lisboa e Portugal."

A mega-região de Lisboa é cosmopolita, cheia de diversidade, emigrantes e pessoas tolerantes. Já o outro país de Portugal é conservador, diz o economista. Apenas 13,4% da sua força de trabalho integra a designada classe criativa, aquela que hoje constitui a força motriz do crescimento económico, dita Richard Florida. É, também, a única nação europeia, de entre 14 estudadas em 2004, a registar um crescimento negativo nas actividades criativas.

O que poderá fazer este País conservador, quando Richard Florida defende que a aposta da economia deve estar concentrada e focada nas mega-regiões, neste caso Lisboa? "Juntar-se a elas", afirma. "Ligar as suas actividades económicas e estratégias de negócios à capital", acrescenta. "E, neste caso específico, defendendo a criação de mais infra-estruturas de apoio", continua, elogiando a construção de um novo aeroporto. "É mais importante do que a construção de estádios de futebol."



**A mega-região de Lisboa é cosmopolita, cheia de diversidade, tolerância, emigrantes. Já o outro país de Portugal é muito mais conservador.**



**Que melhor exemplo de diversidade, criatividade e liberdade de expressão do que o Google? Homens, mulheres, novos e velhos...**

Para Richard Florida, a prosperidade económica de uma região depende da capacidade de atracção e retenção de pessoas criativas. Nunca como hoje, afinal, a cidade para habitar se revelou tão importante. Um estudo da Gallup Organization revela que uma localização agradável é um factor essencial de bem estar. "Sítios onde, além de segurança, escolas e trabalho, exista diversidade, uma arquitectura preservada e espaços ao ar livre", exemplifica.

Uma aparente contradição com a designada era da globalização, que apregoa que o local físico de trabalho pode ser qualquer lugar. "Mentira", salienta este autor, contrariando "O Mundo é Plano", do autor Thomas Friedman. "O mundo está é cada vez mais pontiagudo. É uma concentração de mega-regiões." Ganham aquelas que conseguem reter os talentos. Atrás deles irão os empregos, defende.

Para exemplificar, Richard Florida conta a fuga do portal de Internet Lycos de S. Petersburgo para Boston. "Em meados dos anos 80, a população de S. Petersburgo estava a diminuir. Como recuperar a cidade? Através de incubação de empresas, tecnologias, e 'spin-offs' das universidades. Daqui resultou a Lycos. Com sucesso", continua. "Escrevi livros a defender que o crescimento económico das cidades dependia da criação de empregos, do desenvolvimento de 'clusters', suportados por capital de risco. Acredita-se, verdadeiramente, neste modelo.

Até que um dia, abro o jornal e leio: 'Lycos vai para Boston.' Fiquei chocado. O custo de vida nessa cidade até era mais elevado. Não fazia sentido. 'Porquê, então?', interroguéi. Resposta: as pessoas que a empresa necessitava estavam em Boston e, como elas não iam para S. Petersburgo, a Lycos foi para o local onde preferiam viver. O trabalho deslocou-se até às pessoas e não o contrário", conclui Richard Florida.

A teoria dos três "tês" – Tecnologia, Talento e Tolerância – preconizada pelo autor, pode colocar em risco a retenção de bons profissionais nos Estados Unidos, com a sua actual política de restrição à imigração e redução da admissão de estudantes estrangeiros, como os indianos, intensificada após os ataques de 11 de Setembro. Numa publicação da consultora Deloitte, Richard Florida recordou que foi, precisamente, a diversidade de imigrantes talentosos, após a década de 1930 – entre os quais Albert Einstein se tornou ícone –, que fez o sucesso do país.

Os três "tês" aplicam-se não só às cidades e regiões, mas também às empresas, diz o autor. "Que melhor exemplo de diversidade e liberdade de expressão do que o Google?", atira. "Mas, atenção. Quando menciono indústrias criativas, não falo apenas de empresas tecnológicas como o Google e Yahoo! ou de entretenimento. A criatividade deve estender-se a todos os sectores. A Toyota, por exemplo, trabalha a partir de sugestões dos próprios colaboradores."

## "Lisboa é uma mega-região mundial"

➔ Existem 191 países no mundo, mas apenas 40 mega-regiões – territórios que abarcam um quinto da população, dois terços da produção da economia global e 85% da inovação. Lisboa (e a mancha litoral até à Corunha) é uma delas. Entre 50% a 60% dos seus profissionais integram a denominada classe criativa – conjunto de profissionais cuja função é gerar novas ideias, tecnologias e novos conteúdos ou solucionar problemas complexos. Encaixam-se neste critério não apenas cientistas, engenheiros e artistas, mas também profissionais da gestão, das finanças, do direito, da saúde. Já Portugal, como país, está em último lugar no Índice Global da Classe Criativa (IGCC): tem apenas 13,4% de profissionais "criativos", contrastando com países como Irlanda, Finlândia, Reino Unido, Holanda e Bélgica, com mais de 26% neste índice. Portugal é, aliás, o único país europeu que nos últimos anos, registou um crescimento negativo no número de profissionais criativos, diz Richard Florida, com base no seu estudo "Europe in the Creative Age".

Primeira Página.pt , 17-04-2008

"Guru" da economia criativa diz que Portugal tem sido travado por uma "mentalidade antiquada"

publicado dia 17/04/2008

O "guru" da economia criativa, Richard Florida, considerou hoje que a "mentalidade" tem sido o um travão ao desenvolvimento deste modelo em Portugal e apontou como principais constrangimentos as barreiras à tolerância e à liberdade de expressão individual.

Richard Florida esteve hoje, em Lisboa, para apresentar as suas noções sobre o desenvolvimento das cidades criativas, identificando os três T's (Tecnologia, Talento e Tolerância) como factores determinantes para ascender ao "ranking" das mega-regiões: regiões que acolhem actividades económicas em larga escala e geram a maior percentagem de actividade económica e inovações científicas e tecnológicas, a nível mundial.

Dos 191 países do mundo, só existem 40 mega-regiões que impulsionam a economia mundial: representam um quinto da população, dois terços do rendimento económico mundial e mais de 85 por cento da inovação global.

A Grande Lisboa está em 33º lugar na lista encabeçada pela Grande Tóquio, mas poderá ir mais longe, segundo o economista norte-americano.

"A única coisa que vos está a travar é a mentalidade. Portugal tem sido aprisionado por uma mentalidade antiquada", declarou, à margem da conferência organizada pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT) e pela Ordem dos Economistas.

Richard Florida antevê um futuro promissor para Lisboa, que já está em fase de transição e atrai classes criativas, mas salientou que é preciso valorizar mais a tolerância e a liberdade de expressão individual ("self-expression").

Entre as vantagens competitivas, indicou a cultura e a autenticidade e enalteceu o clima e a arquitectura histórica como factores de atracção numa sociedade que tende a favorecer a multi-localização.

"Há pessoas que vivem metade do ano num país e outra metade noutro. Devia ser aproveitada essa capacidade para atrair pessoas em part-time", sublinhou, acrescentando que a capacidade para falar línguas é outra vantagem competitiva.

"Hoje, toda a gente falou em inglês. Isso cria um ambiente propício para a comunicação", disse.

Richard Florida é autor do best-seller "The Rise of the Creative Class" (A ascensão da classe criativa) e lançou recentemente "Who's Your City" (Quem é a tua cidade) onde sugere que a escolha do lugar onde vivemos pode ser uma decisão tão importante como escolher um parceiro ou um emprego.

O economista advoga o surgimento de uma classe criativa, associada a sectores com grande capacidade de inovação, e associa o desenvolvimento e êxito das cidades à sua capacidade de atrair esta classe emergente.

Tudo se passa numa sociedade em que o crescimento económico já não é sustentado pela criação de postos de trabalho, nem pelo desenvolvimento de "clusters" suportados pela indústria tradicional ou pelas tecnologias de ponta.

"Eu acreditava nestes modelos, mas comecei a repensar as causas do crescimento económico e da regeneração. Quis perceber porque se escolhem determinados locais para viver e trabalhar", contou.

O investigador defendeu que atravessamos uma transição para uma nova economia e sistema social caracterizados não pelos factores físicos de produção, mas por factores mentais.

"Na economia pós-industrial, o principal contributo são as ideias, o trabalho mental. O impulso humano para criar é a chave para a inovação económica", afirmou.

O desenvolvimento deste modelo requer, no entanto, cidades que promovam a tolerância, a diversidade, a abertura e a inclusão.

Richard Florida acredita que as características das comunidades que as tornam mais competitivas e prósperas são a capacidade de liderança tecnológica, de gerar talento e a ausência de barreiras à entrada de pessoas.

"As comunidades onde se encontram mais gays e lésbicas e mais boémios são lugares onde se concentram muitas pessoas criativas, porque são lugares onde as pessoas podem ser elas próprias, podem auto-exprimir-se", exemplificou.

O especialista salientou que o lugar onde se vive é tão importante para a felicidade das pessoas como a realização profissional ou sentimental e destacou alguns factores que fazem a diferença como a abertura à diversidade, a qualidade dos espaços (arquitectónica, ambiental, paisagística, estética), a liderança, as oportunidades e boas condições básicas (segurança, infra-estruturas, equipamentos, etc.).

"Os lugares de qualidade estimulam a economia criativa", sintetizou.

RCR.

RTP Online.pt , 17-04-2008

"Guru" da economia criativa diz que Portugal tem sido travado por uma "mentalidade antiquada"

Lisboa, 17 Abr (Lusa) - O "guru" da economia criativa, Richard Florida, considerou hoje que a "mentalidade" tem sido o um travão ao desenvolvimento deste modelo em Portugal e apontou como principais constrangimentos as barreiras à tolerância e à liberdade de expressão individual.

Richard Florida esteve hoje, em Lisboa, para apresentar as suas noções sobre o desenvolvimento das cidades criativas, identificando os três T's (Tecnologia, Talento e Tolerância) como factores determinantes para ascender ao "ranking" das mega-regiões: regiões que acolhem actividades económicas em larga escala e geram a maior percentagem de actividade económica e inovações científicas e tecnológicas, a nível mundial.

Dos 191 países do mundo, só existem 40 mega-regiões que impulsionam a economia mundial: representam um quinto da população, dois terços do rendimento económico mundial e mais de 85 por cento da inovação global.

A Grande Lisboa está em 33º lugar na lista encabeçada pela Grande Tóquio, mas poderá ir mais longe, segundo o economista norte-americano.

"A única coisa que vos está a travar é a mentalidade. Portugal tem sido aprisionado por uma mentalidade antiquada", declarou à Lusa, à margem da conferência organizada pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT) e pela Ordem dos Economistas.

Richard Florida antevê um futuro promissor para Lisboa, que já está em fase de transição e atrai classes criativas, mas salientou que é preciso valorizar mais a tolerância e a liberdade de expressão individual ("self-expression").

Entre as vantagens competitivas, indicou a cultura e a autenticidade e enalteceu o clima e a arquitectura histórica como factores de atracção numa sociedade que tende a favorecer a multi-localização.

"Há pessoas que vivem metade do ano num país e outra metade noutro. Devia ser aproveitada essa capacidade para atrair pessoas em part-time", sublinhou, acrescentando que a capacidade para falar línguas é outra vantagem competitiva.

"Hoje, toda a gente falou em inglês. Isso cria um ambiente propício para a comunicação", disse.

Richard Florida é autor do best-seller "The Rise of the Creative Class" (A ascensão da classe criativa) e lançou recentemente "Who's Your City" (Quem é a tua cidade) onde sugere que a escolha do lugar onde vivemos pode ser uma decisão tão importante como escolher um parceiro ou um emprego.

O economista advoga o surgimento de uma classe criativa, associada a sectores com grande capacidade de inovação, e associa o desenvolvimento e êxito das cidades à sua capacidade de atrair esta classe emergente.

Tudo se passa numa sociedade em que o crescimento económico já não é sustentado pela criação de postos de trabalho, nem pelo desenvolvimento de "clusters" suportados pela indústria tradicional ou pelas tecnologias de ponta.

"Eu acreditava nestes modelos, mas comecei a repensar as causas do crescimento económico e da regeneração. Quis perceber porque se escolhem determinados locais para viver e trabalhar", contou.

O investigador defendeu que atravessamos uma transição para uma nova economia e sistema social caracterizados não pelos factores físicos de produção, mas por factores mentais.

"Na economia pós-industrial, o principal contributo são as ideias, o trabalho mental. O impulso humano para criar é a chave para a inovação económica", afirmou.

O desenvolvimento deste modelo requer, no entanto, cidades que promovam a tolerância, a diversidade, a abertura e a inclusão.

Richard Florida acredita que as características das comunidades que as tornam mais competitivas e prósperas são a capacidade de liderança tecnológica, de gerar talento e a ausência de barreiras à entrada de pessoas.

"As comunidades onde se encontram mais gays e lésbicas e mais boémios são lugares onde se concentram muitas pessoas criativas, porque são lugares onde as pessoas podem ser elas próprias, podem auto-exprimir-se", exemplificou.

O especialista salientou que o lugar onde se vive é tão importante para a felicidade das pessoas como a realização profissional ou sentimental e destacou alguns factores que fazem a diferença como a abertura à diversidade, a qualidade dos espaços (arquitectónica, ambiental, paisagística, estética), a liderança, as oportunidades e boas condições básicas (segurança, infra-estruturas, equipamentos, etc.).

"Os lugares de qualidade estimulam a economia criativa", sintetizou.

RCR.

© 2008 LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S.A.

2008-04-17 16:30:02

Sol.pt , 17-04-2008

‘Guru’ da economia criativa diz que Portugal tem sido travado por «mentalidade antiquada»

Richard Florida

O ‘guru’ da economia criativa, Richard Florida, considerou hoje que a «mentalidade» tem sido o um travão ao desenvolvimento deste modelo em Portugal e apontou como principais constrangimentos as barreiras à tolerância e à liberdade de expressão individual

Richard Florida esteve hoje, em Lisboa, para apresentar as suas noções sobre o desenvolvimento das cidades criativas, identificando os três T’s (Tecnologia, Talento e Tolerância) como factores determinantes para ascender ao ranking das mega-regiões: regiões que acolhem actividades económicas em larga escala e geram a maior percentagem de actividade económica e inovações científicas e tecnológicas, a nível mundial.

Dos 191 países do mundo, só existem 40 mega-regiões que impulsionam a economia mundial: representam um quinto da população, dois terços do rendimento económico mundial e mais de 85 por cento da inovação global.

A Grande Lisboa está em 33.º lugar na lista encabeçada pela Grande Tóquio, mas poderá ir mais longe, segundo o economista norte-americano.

«A única coisa que vos está a travar é a mentalidade. Portugal tem sido aprisionado por uma mentalidade antiquada», declarou à Lusa, à margem da conferência organizada pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT) e pela Ordem dos Economistas.

Richard Florida antevê um futuro promissor para Lisboa, que já está em fase de transição e atrai classes criativas, mas salientou que é preciso valorizar mais a tolerância e a liberdade de expressão individual (self-expression).

Entre as vantagens competitivas, indicou a cultura e a autenticidade e enalteceu o clima e a arquitectura histórica como factores de atracção numa sociedade que tende a favorecer a multi-localização.

«Há pessoas que vivem metade do ano num país e outra metade noutro. Devia ser aproveitada essa capacidade para atrair pessoas em», sublinhou, acrescentando que a capacidade para falar línguas é outra vantagem competitiva.

«Hoje, toda a gente falou em inglês. Isso cria um ambiente propício para a comunicação», disse.

Richard Florida é autor do best-seller *The Rise of the Creative Class* (A ascensão da classe criativa) e lançou recentemente *Who’s Your City* (Quem é a tua cidade) onde sugere que a escolha do lugar onde vivemos pode ser uma decisão tão importante como escolher um parceiro ou um emprego.

O economista advoga o surgimento de uma classe criativa, associada a sectores com grande capacidade de inovação, e associa o desenvolvimento e êxito das cidades à sua capacidade de atrair esta classe emergente.

Tudo se passa numa sociedade em que o crescimento económico já não é sustentado pela criação de postos de trabalho, nem pelo desenvolvimento de clusters suportados pela indústria tradicional ou pelas tecnologias de ponta.

«Eu acreditava nestes modelos, mas comecei a repensar as causas do crescimento económico e da regeneração. Quis perceber porque se escolhem determinados locais para viver e trabalhar», contou.

O investigador defendeu que atravessamos uma transição para uma nova economia e sistema social caracterizados não pelos factores físicos de produção, mas por factores mentais.

«Na economia pós-industrial, o principal contributo são as ideias, o trabalho mental. O impulso humano para criar é a chave para a inovação económica», afirmou.

O desenvolvimento deste modelo requer, no entanto, cidades que promovam a tolerância, a diversidade, a abertura e a inclusão.

Richard Florida acredita que as características das comunidades que as tornam mais competitivas e prósperas são a capacidade de liderança tecnológica, de gerar talento e a ausência de barreiras à entrada de pessoas.

«As comunidades onde se encontram mais gays e lésbicas e mais boémios são lugares onde se concentram muitas pessoas criativas, porque são lugares onde as pessoas podem ser elas próprias, podem auto-exprimir-se», exemplificou.

O especialista salientou que o lugar onde se vive é tão importante para a felicidade das pessoas como a realização profissional ou sentimental e destacou alguns factores que fazem a diferença como a abertura à diversidade, a qualidade dos espaços (arquitectónica, ambiental, paisagística, estética), a liderança, as oportunidades e boas condições básicas (segurança, infra-estruturas, equipamentos, etc.).

«Os lugares de qualidade estimulam a economia criativa», sintetizou.

Lusa/SOL